



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIA

MARISA BALARINI

(depoimento)

2014

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-

Entrevistado/a: Marisa Balarini

Nascimento: 04/07/1957

Local da entrevista: por telefone

Entrevistador/a: Maria Luisa Oliveira

Data da entrevista:

Transcrição: Juliana Fernandes Lorenzoni

Copidesque: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Total de gravação: 47 minutos e 41 segundos

Páginas Digitadas: 22 páginas

Observações:

A entrevistada realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Maria Luisa Oliveira da Cunha sobre a Escola de Dança de João Luiz Rolla.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Identificação; Data de nascimento e Naturalidade; Escola de Dança do Professor João Luiz Rolla; Localização da Escola; Escolas existentes no período; Estrutura física da escola; Nível sócio econômico dos estudantes da escola; Aulas com o Professor Rolla; Aulas abertas e avaliações na escola; Formaturas; Espetáculos de Dança; Bailarinos da Escola com projeção artística; Notícias dos espetáculos nos jornais da cidade; A metodologia e a varinha; Período após a formação o contato com o Professor Rolla; Relato final; Agradecimentos.

Porto Alegre, 03 de abril de 2014. Entrevista com Marisa Claudia Ballarini a cargo da pesquisadora Maria Luisa Oliveira da Cunha para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

M.C. - Eu sou a pesquisadora Maria Luisa Oliveira estou fazendo essa entrevista por telefone eu gostaria que tu me dissesse o teu nome completo.

M.B. – O meu nome completo é Marisa Cláudia Ballarini, eu não gosto do Cláudia, eu nem uso, se me chamarem por Cláudia eu não atendo [risos], Marisa Ballarini.

M.C. – Qual é a tua data de nascimento?

M.B. – 04/07/1957, nossa faz tempo [risos] Maria Luisa eu sou um pouco prolixa você pode cortar se precisar.

M.C. – Em que período tu estudaste na escola do professor João Luis Rolla?

M.B. – Estudei no período de 1962 a 1971. Eu entrei pequena, provavelmente ao cinco ou seis anos. Eu fiquei na escola acho que até os quatorze, quinze anos estudando mesmo. Ainda fiquei um tempo fazendo aula, dançando, continuei ali, mas, honestamente, não lembro o período, você vai ter que me ajudar a lembrar, cinquenta e sete, oito, nove, dez, onze, cinquenta e sete, cinquenta e oito, cinquenta e nove, sessenta, sessenta e um, então vamos dizer que foi de sessenta e dois, sessenta e três, e vamos botar aí quatorze anos mais ou menos dentro da escola, um pouco menos como estudante.

M.C. – Certo, então me diga onde era a escola quando tu começaste a estudar? Qual era o endereço?

M.B. – Eu comecei na Av. Alberto Bins e depois estudei no Araújo Viana.

M.C. – Tu te lembrás na época, quais escolas existiam além da Escola do professor João Luis Rolla?

M.B. – Na época era a Tony¹, a Lenita Ruschel², a Salma Chemale³ e a Vera Bublitz⁴ talvez a mais jovem delas.

¹ Antônia Seitz Petzhold.

² Ex-aluna da escola de Dança João Luiz Rolla

³ Ex-aluna de Mina Black e Nenê Dreher Bercht no Instituto de Cultura Física em Porto Alegre.

M.C. – E porque foi escolhida a Escola de João Luis Rolla para estudar dança?

M.B. – Penso que por indicação de alguém ou talvez, por puro acaso. Minha mãe não tinha conhecimento da área e esta foi uma decisão dela.

M.C. – Entendo! Tu te recordas como era a estrutura física na escola que tu estudaste?

M.B. – Eu lembro bastante disso e era uma estrutura física bastante simples, elementar, essencial vamos dizer assim. Lá no auditório nós tínhamos única e exclusivamente uma sala de bom tamanho principalmente para a época. Uma sala de bom tamanho, um pequeno vestiário ao fundo dessa sala, aliás, essa é uma imagem que eu tenho muito viva por viver aquilo tantos anos, um vestiário pequenino ao fundo perto do piano que também ficava no fundo da sala. Você entrando dentro do auditório, hoje eu sei que ele mudou parece que ele é coberto, margeando o auditório pela direita internamente do lado direito na época pelo menos havia uma porta, uma porta no lado direito do esquerdo para entrar numa área fechada lá havia uma escada circular de ferro essa imagem que eu tenho é tão clara subindo assim para um mezanino e lá em cima então ficava a sala do Rolla a direita e havia também um banheiro grande mas fora da sala que servia acho que ao auditório ou aos funcionários da administração mas que nós também podíamos utilizar que aí era um banheiro grande, mais banheiros com mais pias, mas nós tínhamos um outro vestiário pequenino sem banheiro sem nada dentro da sala, um piano, a sala inclusive era uma sala bem irregular não era uma sala que tinha medidas retangulares nem quadrada. Ela tinha umas quebradinhas assim e ela tinha iluminação assim só superior sabe aqueles basculantes altos, grandes mas altos não tinha um pé direito muito alto. Barras por toda a sua extensão, dois banquinhos longos quando havia aulas abertas para os pais que ele costumava fazer mensalmente as chamadas aulas do mês e era isso. A sala tinha uma mesa dele, dentro da sala havia uma mesa de escritório, pequena, onde ele, às vezes, usava. Em aula nunca usava. Era muito simples, a estrutura muito simples.

M.C. – Gostaria que tu voltasses um pouquinho para me falar sobre o fato de, nesta época, estudar piano, francês, balé, e especificamente sobre o balé. Por que estudar balé?

⁴ Ex-aluna da escola de Albertina Saikovska Ganzo, em Florianópolis. Em 1964 fundou a Escola de Ballet Vera Bublitz na Cidade de Cruz Alta, RS e em 1979 transferiu-se para Porto Alegre onde leciona atualmente.

M.B. – Então, na verdade, eu não tenho esse histórico para te dizer. Eu acho que na época em cinquenta e cinco, sessenta, sessenta e poucos talvez fosse essa a escolha. Eu não acho que a minha família, minha mãe principalmente, tivesse muita orientação sobre esta área. Na verdade minha mãe era uma pessoa que me botava em tudo que achava que poderia me dar uma possibilidade ou um futuro, que ela achasse que era bonito. Me botou simultaneamente no francês, no balé, e no piano. Olha que sem juízo! Eu acho que o Rolla na época... ela deveria ouvir falar nos espetáculos e foi uma coisa assim de alguém ter falado ou ter indicado, mas não por conhecimento. Na verdade eu era muito exibida e adorava dançar e cantar. Desde pequena já mostrava vocação artística. Minha mãe, embora tendo uma condição financeira limitada, sempre me deu tudo o que podia do ponto de vista artístico e cultural. Ela acertou, teve visão.

M.C.- Então tu citaste o nível sócio econômico de tua família. Em geral qual o nível das estudantes da escola?

M.B. – Sei que havia gente de todo o níveis mas, seguramente, havia um padrão sócio econômico e cultural mais elevado. Hoje, fazer dança pode conferir status, ser moda, ocupar o tempo ou qualquer outra coisa do mundo moderno. Na minha época era vocação, escolha, necessidade. Os valores eram outros.

M.C.- E tu lembras nomes destas que estudaram contigo?

M.B. - A minha turma, o que me ocorre, é que eu tinha uma das meninas que era muito mais minha amiga a Denise Kundzin⁵. Na minha turma eu tinha ainda um grupo de irmãs que é a Virginia Ruschel⁶, a irmã dela, a gente chamava de Tininha, acho que era a Maria Cristina Ruschel⁷ e outra irmã o nome me escapou agora. Tinha ainda a Ana Maria Cestari⁸, Maria Aparecida Agustoni⁹, a Mayra Brigidi¹⁰, a Maria Cristina Rangel¹¹, Maria Cristina Dornelles¹², Carmen Dora Lazarotto¹³.

⁵ ex-aluna da Escola de Dança João Luiz Rolla.

⁶ ex-aluna da Escola de Dança João Luiz Rolla.

⁷ ex-aluna da Escola de Dança João Luiz Rolla.

⁸ ex-aluna da Escola de Dança João Luiz Rolla.

⁹ ex-aluna da Escola de Dança João Luiz Rolla.

¹⁰ ex-aluna da Escola de Dança João Luiz Rolla.

¹¹ ex-aluna da Escola de Dança João Luiz Rolla.

¹² ex-aluna da Escola de Dança João Luiz Rolla.

¹³ ex-aluna da Escola de Dança João Luiz Rolla.

M.C.- E como eram as aulas do professor Rolla?

M.B.- As aulas eram muito sistemáticas e metódicas, com uma rotina sempre muito igual. Exercícios de barra, centro e diagonais. A dança no Brasil, e você como uma profissional que vem de um segmento muito diferente do meu e que é uma estudiosa, eu sou uma praticante digamos assim, você sabe que a dança no Brasil é uma coisa muito complicada, principalmente a formação acadêmica clássica. Nós temos uma situação muito especial no Brasil, então, eu diria assim que eu fui descobrindo, fui me orientando formando um conceito sobre a formação e as metodologias da dança clássica ao longo da minha vida. Eu digo que eu estou estudando até hoje, então, a minha memória da época é de uma coisa muito sistemática, e muito mecânica. Eu digo que eu aprendi dança clássica depois que eu me achei, me disseram que eu estava formada se é que essa palavra existe, eu acho que isso em dança é terrível dizer: me formei. Então eu fui aprendendo, eu comecei a fazer curso, eu descobri o que era metodologia, porque acho que entre você aprender e você transmitir o ensino, tem um abismo e um novo começo, tem que estudar tudo de novo são coisas absolutamente distintas. Então o que eu me lembro era de uma formação assim sistemática, bastante rígida, ele era uma pessoa afetiva e ao mesmo tempo rude e distante. Eu não sei como te descreveram ele, mas essa é a minha imagem, ele tinha um sistema muito autoritário em sala de aula, até tínhamos medo, ele e a sua famosa varinha. Aquela coisa do clichê da época e tal, e fazia um pouco de folclore a gente achava um pouco folclórico, mas falando em método, em sistema eu não sei te dar muitos dados.

M.C. – Da estrutura da aula em si tu pode me dizer, como começava, o desenvolvimento, como terminava...

M.B. – Sempre iniciava com exercícios de barra, depois centro, na sequência vinham as diagonais de giros ou saltos e encerravam com agradecimento. Hoje não temos mais aulas assim. Como tudo, a dança também evoluiu. Eu me lembro que nós tínhamos um trabalho de centro e nós tínhamos algumas coisas que eu tenho na memória porque eu achava interessante, gostava daquilo, é sempre nós tínhamos uma fase da aula que era um pouco criativa, que nós tínhamos algumas canções para estudar ritmo ele introduzia mensalmente, eu não me lembro se isso durou um período inteiro ou se foi uma fase mais da minha infância, mas sempre tinha uma cantiga, alguma coisa onde a gente usava uma saia, um

avental e era uma coisa que visava um pouco do folclore para estudar ritmo. Eu tenho bastante lembrança disso.

M.C. – Tu citaste uma aula aberta. Gostaria que tu falasses sobre isso e sobre as avaliações da escola.

M.B. – A aula aberta era uma aula que era para ser vista por pais, todos os meses, por isso eu te digo que era uma coisa muito sistemática. Eu também tenho um trabalho assim na minha escola, mas eu faço isso semestralmente, eu acho impossível você mostrar para um pai uma aula todo o mês, mas como ele tinha um programa muito regrado assim, muito sistemático, todo mês ele abria essa aula para as mães que na verdade eram quem levavam suas filhas, digo filhas porque o volume de mulheres era infinitamente maior. E eu acho que ele tinha um objetivo mesmo de... Eu acho... Vou interromper um pouco para traçar uns paralelos assim Malu, eu acho que apesar da época, dele ser um homem, eu acho que ele tinha uma visão interessante sobre as coisas sabe, eu acho que no fundo ele sabia mais do que o que ele passava, não digo nem do ponto de vista de ensinamentos, mas como visão mesmo de mundo, de percepções, eu não sei se ele queria na época que nós tivéssemos, talvez tivesse embutido nele uma sensação de que as aulas abertas já nos dessem um *feeling* de plateia, já nos preparasse artisticamente para os espetáculos, eu não sei se ele pretendia isso ou se isso tinha só um cunho de mostrar para o pai o desenvolvimento do aluno, se tinha aí um lance publicitário de exibir os trabalhos, expor o trabalho dele, talvez tivesse um monte de tudo isso junto entendeu? Mas não havia, nós não tínhamos avaliação na escola, no meu período nós não tínhamos, nós éramos avaliadas única e exclusivamente por uma banca examinadora no fim do curso.

M.C. – E como funcionava essa banca?

M.B. – Tinham alguns convidados isso era uma rotina na escola, final dos anos, dos nove anos, já nem lembro mais se eram nove, acho que eram, ele convidava alguns professores normalmente pessoas ligadas ao nosso trabalho, evidentemente a dança, pessoas que de uma certa forma nós conhecíamos, e nós tínhamos uma aula para essa comissão julgadora. Penso que esta banca, por ser isenta, ou seja, não trabalhava com a gente na rotina das aulas, atribuía uma pontuação técnica e artística ao nosso trabalho. Junto desta aula acadêmica tradicional e normal tinha uma coisa que eu vou te contar mas eu acho absurda, nós tínhamos que fazer uma coreografia, nossa hoje eu penso nisso e me arrepia porque é

um outro trabalho de natureza tão específica. Como é que eu vou te dizer... que depende tão pouco de estudo e de percepções individuais mas nós tínhamos que, imagina adolescentes, criar uma coreografia com escolha musical livre, que inclusive era tocada pela nossa pianista e nós tínhamos que dançar aquilo, tinha um determinado tempo, nós coreografávamos e aí nós éramos avaliados, eu não sei exatamente mas provavelmente por conteúdo técnico, e por criatividade, condição física, etc. Ah eu tirei terceiro lugar no meu ano, olha que lindo.[risos]

M.C. – Era um momento sofrido que tu não gostava de realizar?

M.B. – *Não, não era sofrido, ao contrário*, você sabe que no meu trabalho hoje o que mais me realiza é a parte de criação, eu assim se pudesse dizer a minha profissão eu diria que eu sou coreógrafa e é o que de fato eu tenho prazer, e perdão pela falta de modéstia, eu acho que é o que eu faço melhor. Infelizmente eu tive que montar uma escola porque neste país é muito difícil viver de arte, eu sei que você sabe disso também quanto eu, eu tive que ser empresária para poder fazer o exercício da minha atividade. Mas eu disse sofrida porque eu acho que aos quatorze anos é impossível fazer um balé, vai sempre ser uma brincadeira, uma coisa assim meio sem pé nem cabeça entendeu? Mas enfim... então é a minha visão de hoje, pode ser que eu estou mesmo sofrendo te contando isso porque eu jamais pediria para uma criança de quatorze anos fazer uma coreografia hoje, mas eu acho que naquela época tinha esse objetivo de você se soltar, de você usar a tua capacidade criativa, de juntar aqueles conhecimentos dentro de uma sequência, de uma série que você tinha a liberdade de compor. Então eu falo meio sofrendo porque hoje eu acho isso meio descabido, mas na época era bacana, era curtido, eu curti fazer. Ah! eu me achava o máximo, já comecei a partir dali a fazer o meu trabalho coreográfico. Então era isso assim, não tinha nem nada assim de muito especial, eu não sei como era a pontuação, havia uma classificação de a nota mais alta, nota seguinte mais alta e a terceira, tinha um primeiro, um segundo e um terceiro lugar todos os anos e mais nada, nem lembro se havia reprovação, não sei. Mas quando emiti minha opinião sobre coreografar naquela época, me referi a todo um contexto. Não tínhamos o hábito de exercitar a criação. Não havia propostas de estudos para a criação. Não tínhamos contato com a improvisação, técnicas de composição. Por isto achava meio absurdo termos de criar sem nenhuma retaguarda. *Mas adorava!* Hoje é o que mais faço. Se pudesse, atuaria só na criação. Seria exclusivamente coreógrafa se pudesse viver da coreografia.

M.C. – E tu tens o teu certificado?

M.B. – Eu tenho sim, mas eu teria que procurar o danadinho viu, eu devo ter, eu devo ter também... Eu me desfiz de muita coisa viu, eu tenho inclusive dois quadrinhos que eu não sei onde estão que na época era comum ele dava prêmio de frequência, não sei se alguém comentou isso contigo, quem não perdesse aulas nenhuma durante o ano era tradicional ganhar um quadro com uma dedicatória dele e eu tive dois quadrinhos durante dois anos eu tive a frequência total.

M.C. – E tu recebia o certificado na formatura?

M.B. – Nós tínhamos uma formatura, formal mesmo como diz a palavra. Fora o exame na escola nós tínhamos um espetáculo com as formandas que era um espetáculo da escola também. Eu já não lembro muito, mas tinha turma que ia se formar naquele ano que era a coreografia mais específica entre outras que nós dançávamos e havia uma formatura em teatro mesmo, eu fui oradora da minha turma, falante né [risos], adorava falar, eu me lembro que foi no teatro de Câmara¹⁴ e com solenidade mesmo, entrega de certificados, plateia, nossa só eu estou lembrando disso agora é porque você está me perguntando, a gente apaga, a gente acaba não tendo tempo para lembrar.

M.C. – Então já que tu falaste dos espetáculos, me fala um pouquinho sobre algum que tenha te marcado bastante.

M.B. – Hoje, aos 57 anos, com um dia a dia voltado para o ensino da dança e com a responsabilidade na formação de estudantes de dança, tenho a convicção de que minha formação foi elementar, básica. Como toda a formação acadêmica. Nem boa nem ruim. No entanto, o grande e maior valor do professor Rolla, foi ser um homem a frente do seu tempo. Seus espetáculos e suas criações poderiam perfeitamente ser encenados hoje. Nada era datado. Tudo era incrivelmente inventivo. Tenho convicção de que seu trabalho criativo teve grande influência e importância para mim. Hoje, minha mais importante atividade é a criação. Posso citar o Assassinato em um night club, 2001 uma odisseia no espaço, com certeza, os trabalhos mais vanguardas para a época. Lembro muito! Assassinato no night club, talvez já tenham comentado isso com você, e que era um espetáculo que tinha assim coisas interessantes, teatrais, era montado com uma cenografia

¹⁴ Teatro de Câmara Túlio Piva em Porto Alegre.

de um *club* mesmo noturno, com cenas de coristas de cabarés, e tinha um crime no final e eu lembro tanto de um *pas de deux* famoso que se chamava *summer time* e me lembro de quem dançava esse *pas de deux*.

M.C. – Quem dançava?

M.B. – Na época quem dançou foi a Regina Guimarães¹⁵, que durante o período também nos deu algumas aulas, se eu não me engano foi com o Ademar Dorneles¹⁶ que ela dançou, que foi um menino que estudou comigo um período, depois dançou um tempo grande no balé Estágium. E também todos os estudantes de nível intermediário e avançado. Eu tenho esse espetáculo muito na memória porque na época o Rolla queria figurantes, transeuntes, cenas de ruas, barulho de gente conversando e o meu irmão foi a pessoa que ele pegou para dar uma força, então o meu irmão ajudou e fez gravações para ele de buzinas, carros, porque era um balé que tinha cenas de rua precisava de movimento, de som então o meu irmão ajudou na parte sonora desse espetáculo, e fez um pouco de encenações como figurante durante o balé, então eu me lembro bem disso.

M.C. – Tenho registros que, em busca de formação na dança, o professor Rolla fazia viagens para o exterior. Tu te lembra dessas viagens?

M.B. – Não, eu não peguei essa época não, eu inclusive desconheço, nunca, não me lembro de ausências dele.

M.C. – No período que estudastes na escola tu fizestes aula com ele, ou com outras professoras?

M.B. – Foram pouquíssimas as vezes que tive aulas com outras pessoas que não o professor Rolla. Nestas raras ocasiões, estavam no comando Regina Guimarães ou Erenita Parmegiane.

M.C. – Tu tens convivência com algum ou tu teve convivência com algum colega que despontou fazendo carreira profissional na dança?

M.B. – Somente o Ademar Dorneles e a Sayonara. Com ele, tive contato direto, dançamos e estudamos juntos. Com ela, somente contato indireto.

¹⁵ ex-aluna da Escola de Dança João Luiz Rolla.

¹⁶ ex-aluno da Escola de Dança João Luiz Rolla.

M.C. – Após os espetáculos a escola era citada nos jornais da cidade?

M.B. – É na época sempre saia, sempre tínhamos alguma, havia algumas coisas no teatro. Mas na verdade, analisando um pouco hoje, não deixava de ser espetáculo escolar, sem dar característica ofensiva a isso, muito pelo contrário. Mas não era um espetáculo que tinha assim uma característica profissional que apresentava profissionais, mas sempre haviam notas e comentários sobre o espetáculo, sobre luz, na época o figurinista sempre era o Cattani¹⁷ eu me lembro muito dessa coisa da criação dos figurinos, mas não me lembro de comentários assim específicos e diretos sobre a parte artística dos espetáculos.

M.C. – Tu ainda tens figurinos Marisa?

M.B. – O tempo, a vida e o meu desapego fez com que eu guardasse muito pouco. Tenho uma sombrinha, de uma coreografia “Dama Antiga”.

M.C. – Num momento desta entrevista tu me falaste que existia um folclore sobre a varinha, o que quiseste dizer com isso?

M.B. – Ah um folclore sobre a varinha porque ele e a varinha eram coisas inseparáveis e ele realmente fazia uso dessa varinha, a gente levava varada. Hoje a gente acha isso uma loucura de absurdo e bobo e tal, mas era uma coisa folclórica que as mães adoravam dizer: - ai o professor está brabo, vai ficar brabo e tu vai levar uma varada! Tinha essas coisas e ele fazia correções mesmo com essa varinha de marmelo, acho que todo mundo que você entrevistou deve ter contado, falado sobre isso. Então a varinha era uma coisa que fazia parte dele e que acho que ele curti essa coisa de que eu e a minha varinha somos poderosos e ele fazia uso dela, a gente tomava varada a beça assim pra cacete pra me expressar bem. [risos] Usava nas pernas, usava onde quisesse e ele tinha um vocabulário inclusive também terrível, que todo mundo deve ter falado isso para você também, ele chamava a gente do que viesse na cabeça. “Chata mor”, era assim um clichê! ... ah deixa eu pensar, era tanta coisa. Porque ele tinha uma coisa afetiva mas ele... todo mundo temia muito ele. Ah o que era mais, burra também ele usava muito, chata mor é o que eu mais me lembro assim, ficou marcado, mas outros chata, burra, ah nossa horrores ele não media, não tinha nem um prurido assim, ele largava mesmo. O que falaram agora para eu lembrar

¹⁷ Dirson Cattani, figurinista.

de outros. Mas chata mor era um xingamento para uma pessoa que estava irritando ele ou por não conseguir executar, ou por não fazer como ele gostaria que fosse.

M.O – E como foi depois que tu concluíste o curso na escola?

M.B. – Eu tive um distanciamento até porque eu vim para São Paulo e aí eu montei a minha escola, bastante jovem, quer dizer, eu tive um período onde eu digo que eu fui estudar dança, eu fui fazer uma porção de cursos, congressos. Eu estudei com pessoas com bastante importância na história da dança paulista, carioca, eu fui estudar porque eu queria muito trabalhar com ensino, então teve um período em que eu fiquei estudando e aí em junho de 1980 fundei minha própria escola e de lá para cá continuo aprendendo mas, agora, me realizo com os sucessos e resultados obtidos, além das conquistas daqueles que, como meu professor, também vi crescer. Logo que eu comecei o meu trabalho com a escola eu comecei a fazer o exercício daquilo que eu mais gostava que era a parte coreográfica. Então eu desde muito cedo, desde o início com a minha escola eu sempre tive núcleos assim, grupos, eu sempre quis ter uma companhia de dança, eu tive inclusive sempre, claro, que de maneira informal, com pessoas adiantadas, alunos que eu pudesse aproveitar mais o potencial técnico e artístico, esse sempre foi o foco na minha escola, ter um núcleo de referência, de mais excelência para que os meus pupilos menores pudessem querer ocupar esses estágios. Então como coreografa e nessa loucura de sempre ter um grupo eu viajava bastante, eu levava meu trabalho para tudo que era canto, sempre trabalhei nesse sentido e o meu contato com ele veio a partir daí, eu levei alguns trabalhos nessas minhas viagens, eu fui para o sul, e eu o convidei para algumas apresentações. Então o meu contato com ele assim, bem mais velhinho, teve uma época inclusive que eu pedi muito para ele ir assistir espetáculo porque eu queria muito tê-lo no teatro para apresentar para os meus alunos, para os meus bailarinos e ele falou: “mas Marisa quase nem enxergo mais”, mas eu reservei uma poltroninha para ele lá na frente, foi no teatro de câmara, eu lembro bem e ele foi. Então o meu contato foi assim desse jeito com ele assistindo, acho que duas vezes eu fui ao sul e ele foi assistir. Mas eu tive notícia no finzinho da vida dele, mas não tive contato direto.

M.C. – Bem estamos encaminhando para o final da entrevista

M.B. – Eu acho assim Malu, no Brasil nós temos um potencial enorme de gente talhada para veia artística de improvisação, eu acho que é uma coisa do povo brasileiro, mas a

escola de balé clássico na minha época ainda era só uma estradinha para a gente lá muito lá na frente encontrar os caminhos. Eu acho que hoje como professora de dança eu tenho uma visão diferente sobre a formação e o ensino porque até acho que através do meu trabalho eu senti necessidade de me aprofundar e eu acho que são coisas muito diferentes, estudar dança e passar ensinamentos e ser uma orientadora e uma formadora de profissionais de dança. Então assim, mas o que fica para fazer esse paralelo com a tua abertura que você me deu é que eu tive uma formação que apesar de achar deficitária do ponto de vista assim, eu acho que a gente trabalhou de maneira muito mecânica sem entender muito o porquê do movimento, talvez se a gente entendesse um pouco mais a gente tivesse uma qualificação artística e técnica melhor, mas em contraponto eu tive um professor que a despeito da sua época, de ser um homem na dança que para o período também era uma coisa assim completamente especial tanto que eu não conheço outros professores em Porto Alegre eu vou até dizer no Rio Grande do Sul naquele período que fossem professores e que tivessem uma escola de dança, eu vou dizer que ele me deu desde pequena uma visão que eu acho que é mais importante até do que o próprio ensino, nós desde pequenas víamos um criador, uma pessoa com ideias diferentes do que se via na época que fazia balés assim completamente fora do seu tempo, então eu acho até que isso aí é muito, eu falo até com uma certa emoção [choro], eu acho assim que de maneira muito distante, eu não sei assim qualificar, mas eu acho que ele conseguiu despertar, pelo menos em mim, contando a minha história, essa coisa da criação acho que veio dele, porque nós dançávamos coisas que não se fazia na época, ninguém colocava um monte de mulheres em cena de macacão preto, vamos supor, um grupo enorme de macacão preto e um grupo enorme de macacão branco para dançar um balé de Schubert, os professores na época botavam pratos ou tutu românticos, e ele subvertia as regras, imagina que naquela época alguém faria Danúbio azul, uma música até clichézóide e tal e usaria assim falou Zaratrusta com tutu romântico colorido e tela na cabeça e nos braços, cobrindo o rosto? Então eu acho que a coisa mais importante que ele deixou para mim, não foram os fundamentos acadêmicos, nada disso, mas foi essa coisa da subversão, da possibilidade que a arte tem de através dos seus caminhos comunicar, que ela é realmente salvadora, que ela transcende, que ela é a linguagem que pode tocar os corações e que ela permite todos os caminhos, eu acho que na minha pessoa foi o que ele fez de melhor. Penso que o melhor de tudo, como já disse, foi trabalhar com um homem a frente do seu tempo e que deixou para todos os seus pupilos, muito mais do que simples ensinamentos sobre os passos e a técnica da dança clássica.

Em todos nós, foram plantadas algumas sementes de curiosidade, de renovação e inquietação, além de uma enorme determinação e disciplina. Agradeço pela oportunidade de resgatar um “tempo suspenso”, que estava profundamente adormecido. Tenho certeza de que, teu contato e a oportunidade de fazer o relato destas, já remotas memórias, terão ainda mais sentido para mim com a passar do tempo. Você sabe a mente não para com nosso comando... Por isto agradeço muito e de coração.

M.C. – Eu entendo, foi maravilhoso te ouvir...

M.B. – Ah! Que bom!

M.C. – Te agradeço muito, tenho a te dizer assim que não é só tu que te emocionas, eu também constantemente me emociono com a história que vocês me contam e isso me traz assim uma energia muito boa para continuar esse trabalho.

M.B. – Ah que bom! Fico feliz de poder de alguma forma te ajudar, passar alguma coisa e é interessante para quem dá entrevista porque de certa forma, você vê que eu estou completamente tocada, de certa forma a gente passa um período enorme suspenso, você vê, eu estou contando para você uma coisa que eu nunca paro para pensar porque a vida vai te levando, e aí você vira... você começa a trabalhar e tudo que eu faço tem a ver com esse homem por mais que eu o critique e acredito que as minhas colegas devam ter criticado também bastante, aí é uma crítica mesmo de amor e ódio, porque é o cara que precisou... Hoje faço isso com os meus estudantes, eu também acho que eles me amam e me odeiam, eu preciso tirar deles o que eles não tem para me dar muitas vezes ou tem e não sabem, mas o que eu ia te dizer é isso fica um período suspenso porque a vida te leva você vai trabalhar e aí você tem que falar de uma história que você viveu mas que de certa forma estava adormecida, esquecida, então você começa a falar começam vir memórias e coisas, tem coisas que eu não te falei mas que agora estão aparecendo e que de repente oportunamente eu vou poder elucidar mais.

M.C. – Gostaria de te agradecer em nome do CEME, a tua disponibilidade em nos conceder esta entrevista.

[FINAL DA ENTREVISTA]